

humanitas



Vol. LXII
2010

Código Pedagógico dos Jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus [1599]. Regime Escolar e Curriculum de Estudos. Prefácio de Pe. Luiz Fernando Klein, S.J.; nota prévia, introdução, versão portuguesa e notas de Margarida Miranda; *Ratio Studiorum: um modelo pedagógico* de José Manuel Martins Lopes, S.J.; posfácio de Norberto Dallabrida. Lisboa, Esfera do Caos Editores, 2009, 290 pp. ISBN 978-989-8025-89-0

A obra em epígrafe constitui um texto matricial da acção pedagógica instituída pelos Jesuítas a partir da rede alargada de Colégios da Companhia de Jesus que, não obstante ter tido a sua origem no continente europeu, atingiu em poucas décadas uma escala verdadeiramente global, estendendo-se à América, Ásia e África. A *Ratio Studiorum* dos Jesuítas, cuja publicação em letra de forma data de 1599, representa o coração de um modelo pedagógico de enorme sucesso, cujas raízes mais profundas assentam no Humanismo.

Esta obra conta com um prefácio de Pe. Luiz Fernando Klein, S.J. (pp. 15-16) e um posfácio da autoria de Norberto Dallabrida, sob o título «A *Ratio Studiorum* e a Modernidade Pedagógica no Mundo Católico» (pp. 287-290). Além disso, convém sublinhar a publicação de dois estudos introdutórios de inegável qualidade que proporcionam ao leitor deste livro uma visão esclarecida e actualizada sobre a *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus. Em primeiro lugar, da autoria de Margarida Miranda, encontramos o estudo intitulado «*Ratio Studiorum: uma Nova Hierarquia de Saberes*» (pp. 17-36), ao qual se segue, da autoria de José Manuel Martins Lopes, S.J., um outro trabalho subordinado ao título «*Ratio Studiorum: Um Modelo Pedagógico*» (pp. 37-51). A leitura de ambos os estudos revela-se fundamental para uma compreensão das inúmeras questões suscitadas pelo texto que definia o regime escolar e o *curriculum* de estudos dos Colégios da Companhia de Jesus, seja na definição e compreensão do contexto que está na génese desta obra, seja na reflexão esclarecida sobre o que realmente significou, no passado, a *Ratio Studiorum* dos Jesuítas, sem descurar, evidentemente, o contributo valioso que, no presente, a sua leitura pode continuar a dar a múltiplas áreas de saber.

A parte central do volume contém a edição moderna da *Ratio Studiorum* (com base na edição crítica de Ladilaus Lukács, S.J.), acompanhada de uma excelente versão portuguesa a cargo de Margarida Miranda. O cotejo entre o original latino e a versão portuguesa da *Ratio Studiorum* encontra-se bastante facilitado pela apresentação, lado a lado, de ambos os textos. Deve notar-se, também, a existência de inúmeras notas à tradução que se revelam

bastante proveitosas, porquanto ajudam o leitor a superar as dificuldades naturais de interpretação e contextualização de uma obra que nos remete para um tempo, uma prática e uma realidade muito distinta daquela que prevalece nos nossos dias. Merece, ainda, uma referência positiva, pela sua enorme utilidade, a completa e actualizada bibliografia disponível na parte final do livro (pp. 269-285).

É, pois, com bastante agrado que saudamos a publicação do *Código Pedagógico dos Jesuítas*, uma obra que representa um modelo de formação integral, no qual foram formadas, ao longo de vários séculos, sucessivas gerações de indivíduos, tanto leigos como religiosos, a quem devemos a transmissão de um valioso legado cultural e civilizacional.

ANTÓNIO ANDRADE

DE BERTI, Raffaele, GAGETTI, Elisabetta e SLAVAZZI, Fabrizio (coords.), *Fellini-Satyricon: l'immaginario dell'antico*. Cisalpino, Istituto Editorial Universitario – Monduzzi Editoriale, S.r.l., 2009, 585 pp. ISBN 978-88-6521-017-8

O diálogo entre as letras clássicas e a literatura e cultura contemporâneas tem sido objecto, nos últimos anos, de múltiplos debates, aturadas reflexões, repetidos estudos e, não raro, acesa controvérsia. Trata-se, sem dúvida, de assunto de justificada complexidade, onde não é fácil encontrar unanimidade nem coincidência de pontos de vista e de metodologias. Se, por um lado, continua a haver quem prefira utilizar como perspectiva a “crítica de fontes”, na busca de similitude de passos, de expressões, de fragmentos, não falta, por outro lado, quem se limite à busca de influências, entendidas estas de uma forma genérica, sem um nível de concretização que a crítica de fontes, por via de regra, requer. Em um e outro caso, parece insistente a procura de resposta a perguntas do tipo teria X lido Y? A ambas as opções parece contrapor-se, desde que a estética da recepção apontou novas matrizes de análise, uma outra: temas e expressões das literaturas clássicas fazem parte, por assim dizer, da cultura que herdámos, que nos chegou com o correr dos séculos, filtrada por um sem-número de leituras, de estudos, de obras, onde se vão replicando sucessivamente, até se lhes perder a origem e, portanto, a dimensão autoral e a identidade primeira. Mas nem por isso essa origem deixa de existir e, portanto, de justificar estudo e atenção. Aquela que pode